



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**MARINA DE OLIVEIRA SILVA**

**LETRAMENTO VISUAL: UM OLHAR SOBRE AS NOVAS PRÁTICAS DE  
LEITURA E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS.**

Guarabira-PB

2019

MARINA DE OLIVEIRA SILVA

**LETRAMENTO VISUAL: UM OLHAR SOBRE AS NOVAS PRÁTICAS DE  
LEITURA E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras Português com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Letramento e ensino.  
Orientador: Prof<sup>a</sup>. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo

Guarabira-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Marina de Oliveira.  
Letramento visual [manuscrito] : um olhar sobre as novas práticas de leitura e escrita da língua portuguesa para os surdos / Marina de Oliveira Silva. - 2019.  
48 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.  
"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo , Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Letramento visual. 2. Leitura e escrita do Português. 3. Alunos surdos. I. Título  
21. ed. CDD 372.6

Marina de Oliveira Silva

**LETRAMENTO VISUAL: UM OLHAR SOBRE AS NOVAS PRÁTICAS DE  
LEITURA E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de Licenciatura Plena em  
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito à obtenção do título de graduada  
em Letras Português com habilitação em Língua  
Portuguesa.

Área de concentração: Letramento e ensino

Aprovada em: 20/11/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Aline de Fátima da S. Araújo  
Prof<sup>ª</sup>. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi  
Prof<sup>ª</sup>. Me. Danielle dos Santos Mendes Coppi  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Débora Regina Fernandes Benício  
Prof<sup>ª</sup>. Me. Débora Regina Fernandes Benício.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por todo amor, dedicação e  
companheirismo. E ao meu sobrinho, José Antônio,  
por ter trazido luz e alegria as nossas vidas, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me concebido a vida, e ter me dado força e perseverança nessa árdua caminhada.

A minha Mãe Graça, mais uma vez, por todo apoio, por sempre me compreender com todo o seu amor maternal, e não desistir de acreditar em mim.

Ao meu Pai Sebastião, aos meus irmãos: Aryan, Arimatéia e Mariana, aos meus sobrinhos: José Antônio e Maria Eloísa, e a todos meus familiares que se fizeram presentes nos principais momentos de minha vida.

Ao meu avô, Manoel (*in memoriam*), por me tornar um ser humano melhor e humilde através de seus singelos ensinamentos.

A minha orientadora Aline, em primeiro lugar, por ter me apresentado essa língua maravilhosa, a Libras, ter-me feito também abraçar a causa dos surdos. Em segundo lugar, por toda paciência, compreensão, companheirismo, por seu comprometimento e responsabilidade nas orientações, por sua amizade e dedicação. Obrigada mesmo!

Aos meus professores, tanto da graduação quanto da especialização, pelos debates e conhecimentos partilhados até aqui, em especial, as professoras Débora e Danielle que compuseram a minha banca examinadora.

Agradeço aos surdos, por nunca deixarem de lutar, por não desistirem de sua cultura e dessa língua apaixonante que é a Libras. Em especial, agradeço aos surdos que com muito gosto se comprometeram em contribuir voluntariamente para esta pesquisa, de igual modo, os professores também.

Em especial, quero agradecer as minhas amigas: Michelly, Sueli, Eloísa, Daniele, Renata, Thalia e Joyce, por todo companheirismo, por tornar as tardes mais leves ao proporcionarem momentos de alegria, por todo apoio, incentivo e amizade.

Por fim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, sendo direta ou indiretamente, meus sinceros agradecimentos!

“[...] Aprender Libras é respirar a vida por outros ângulos, na voz do silêncio, no turbilhão das águas, no brilho do olhar. Aprender Libras é aprender a falar de longe ou tão de perto que apenas o toque resolve todas as aflições do viver, diante de todos os desafios audíveis. Nem tão poético, nem tão fugaz... Apenas um Ser livre de preconceitos e voluntário da harmonia do bem viver”.

Luiz Alberto B. Falcão.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 LETRAMENTO VISUAL: REPENSANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 ARTEFATOS CULTURAIS: EXPERIÊNCIA VISUAL .....</b>	<b>22</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>27</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>30</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>47</b>



## LETRAMENTO VISUAL: UM OLHAR SOBRE AS NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS.

Marina de Oliveira Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O fato de compreender que a Língua Portuguesa é para os surdos uma segunda língua e que seu aprendizado é um tanto complexo para os mesmos, serviu como ponto de partida para a realização deste presente estudo, que objetiva analisar como vem se dando as práticas de leitura e escrita da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, e se há nas mesmas a inserção de recursos visuais que contemplem o sujeito surdo. O trabalho foi desenvolvido com base na pesquisa qualitativa e a coleta de dados se deu através da observação em sala de aula e de questionário aplicado, em que a partir de ambos permitiu-se vivenciar tais práticas. Realizou-se também pesquisas bibliográficas alicerçadas nos dizeres de autores como: ALBANO (2009), SOARES (2009), NANTES (2010), PEREIRA (2014), STROBEL (2008), GESUELI E MOURA (2006), LEBEDEFF (2010) entre outros. De acordo com os estudos desenvolvidos pelos autores citados e a partir da análise dos dados coletados na atual pesquisa, pôde-se constatar que o ensino do português para os surdos ainda necessita ser refletido, principalmente, no que diz respeito a adequação dos métodos para auxiliar as práticas de leitura e escrita. Desse modo, a partir do contato com a Literatura referente ao Letramento visual é possível evidenciar um novo olhar sobre o ensino do português como L2 e sobre as práticas de leitura e escrita para os surdos, a fim de que haja uma melhoria e garantia ao aprendizado destes.

**Palavras-Chave:** Letramento visual. Leitura e escrita do Português. Alunos surdos.

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba- Campus III.  
E-mail ma97marina@outlook.com

## **ABSTRACT**

The fact of understanding that the Portuguese language is for the deaf a second language and that their learning is somewhat complex for them, served as a starting point for the realization of this present study, which aims to analyze how reading practices have been given and writing of the Portuguese language as a second language for the deaf, and if there are in them the insertion of visual resources that contemplate the deaf subject. The work was developed based on qualitative research and data collection was taken through classroom observation and applied questionnaire, in which from both one so used to experience such practices. Bibliographic research based on the authors' words such as: ALBANO (2009), SOARES (2009), NANTES (2010), PEREIRA (2014), STROBEL (2008), GESUELI E MOURA (2006), LEBEDEFF (2010) among others. According to the studies developed by the authors mentioned and from the analysis of the data collected in the current research, it was observed that the teaching of Portuguese for the deaf still needs to be reflected, mainly, with regard to the adequacy of methods to assist reading and writing practices. Thus, from the contact with the Literature referring to visual literacy it is possible to highlight a new look about the teaching of Portuguese as L2 and on the practices of reading and writing for the deaf, so that there is an improvement and guarantee to their learning.

**Keywords:** Visual Literacy. Reading and writing of Portuguese. Deaf students.

## 1. INTRODUÇÃO

Há algum tempo o espaço educacional vem sofrendo mudanças no que diz respeito as práticas de leitura e escrita, em que a alfabetização<sup>2</sup> por si só não dava mais conta das novas demandas escolares e ao mesmo tempo sociais. Fez-se necessário práticas mais eficazes que vão além da mera decodificação de códigos linguísticos. Para suprir essas lacunas surgiu o Letramento, que implica dizer que é uma condição de se apropriar desse saber linguístico para interagir de forma coerente nas diferentes situações diárias e sociais, as quais exigem dos sujeitos habilidades de leitura e escrita.

Como afirma Magda Soares, “**Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou ação que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. ” (SOARES, 2009, p. 18)

Sendo assim, a partir desse sentido mais amplo de Letramento entendemos o quanto é importante ser uma pessoa letrada e fazer uso eficiente da leitura e da escrita, sabendo assim dominá-las em quase todas as ocasiões.

Atentando para o campo dos estudos surdos (tal qual é o foco de nossa pesquisa), o Letramento para o surdo, como para qualquer outro, é tão importante quanto a alfabetização<sup>3</sup>, nesta perspectiva, investigaremos como vem se dando as práticas de Letramento em língua portuguesa (na modalidade escrita) para os alunos surdos, e se estas são auxiliadas por recursos visuais que favorecem a Libras, pois os mesmos tem grande relevância nessas práticas sociais de leitura e de escrita desses alunos.

Segundo Alexandra Albano (2009), o Letramento dos Surdos é adquirido por meio da língua de sinais. É importante que a pessoa surda obtenha o Letramento bilíngue, isto é, além de ser letrado em sua língua materna, que os alunos surdos sejam letrados também na língua de seu país (na língua portuguesa, no caso dos

---

<sup>2</sup> Entendemos por alfabetização, o processo de aquisição da leitura e escrita, ou seja, aprender a ler e escrever, porém há casos em que uma pessoa apenas alfabetizada não faz uso constante e eficiente dessa leitura e escrita nas diferentes situações.

<sup>3</sup> Apesar de o Letramento escolar ser concebido seguido da alfabetização, não a daremos enfoque neste presente estudo, pois a mesma não é objeto de estudo de nossa pesquisa.

surdos brasileiros, os quais serão protagonistas de nossa pesquisa), na modalidade escrita.

O Letramento visual pode ser entendido como práticas de leituras que sejam efetuadas por meio de artefatos visuais, como por exemplo, através de imagens, isto é, a leitura visual de imagens e, por conseguinte, a escrita dessa leitura. No entanto para se conceber tal letramento, essa prática precisa ser eficaz, de modo a favorecer proficiência tanto na leitura quanto na escrita dos educandos.

[...] Nesse sentido, letramento visual para os surdos precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Por exemplo, não basta ser surdo para “ler” uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias. (OLIVEIRA, 2006, apud LEBEDEFF, 2010, p. 179)

O professor como mediador do processo de Letramento de seus alunos, necessita refletir a respeito das práticas sociais de leitura e de escrita para os tais, por isso, acerca de práticas pedagógicas voltadas para pessoa surda, Gesueli e Moura (2006, p. 3), salientam:

Temos levantado a importância da imagem e do visual no processo de construção do conhecimento de alunos surdos. Já é tempo de educadores envolvidos no processo de escolarização de surdos refletirem sobre o tema no que é referente à apropriação de conhecimento.

Dessa forma, reforçamos a ideia de que faz-se necessário refletirmos acerca de como vem se dando as práticas de leitura e escrita da língua portuguesa para os surdos (como segunda língua na modalidade escrita), atentando para os meios visuais que mais favorecem a Libras, um ponto chave que tem nos inquietado há algum tempo.

Ao longo de minha graduação tive a oportunidade de ter o primeiro contato com esta área, exatamente no 4º período, quando cursei o componente curricular Libras, então, percebi o quanto o mesmo é importante para nossa formação docente. Desde então, a vontade de se aperfeiçoar na área esteve comigo, me levando a querer entender mais e pesquisar a respeito da Libras e do surdo.

Ao observar as aulas do ensino fundamental em que havia alunas surdas, no componente curricular Estágio Supervisionado I, me veio a curiosidade sobre como se dava o processo de letramento em português como L2 (segunda língua) dos surdos, quais recursos beneficiavam o mesmo, se os surdos realmente são letrados em língua portuguesa, eis a motivação dessa pesquisa.

Nesta direção, investigar como vem se dando as novas práticas de letramento do português na modalidade escrita para os alunos surdos, é um ponto de grande relevância a ser estudado, tendo em vista que tais práticas atingem diretamente os surdos, refletindo não apenas na vida escolar, mas também no familiar, no social e futuramente no profissional.

Desse modo, nos permitimos fazer-nos as seguintes indagações: como vem se dando as práticas de leitura e escrita do português para os alunos surdos? Quais ferramentas afetam positivamente, resultando aprendizado para os mesmos? Será que as ferramentas utilizadas pelos educadores contemplam a língua de sinais e o aspecto visual da cultura surda? E qual o papel dos professores na construção do Letramento visual?

Como objetivo geral de nossa pesquisa propomos:

Investigar como ocorre o ensino da leitura e escrita e os aspectos do Letramento (em Língua Portuguesa, na modalidade escrita) dos alunos surdos do Instituto Federal da Paraíba, Guarabira-PB.

Como objetivos específicos propomos os seguintes:

- Observar o cotidiano do ensino da leitura e escrita do português (escrito) para os surdos;
- Analisar a prática de ensino do professor referente a leitura e escrita para surdos em uma sala do 1º ano do Ensino Médio;
- Apresentar propostas por meio do letramento visual que facilitem o ensino da leitura e escrita dos surdos.

A presente pesquisa foi realizada num Instituto Federal da Paraíba, localizado na cidade de Guarabira, desenvolvida com base na pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico. Traremos como protagonistas para compor este cenário, 3 (três) alunos surdos que estão cursando o 1º ano do Ensino Médio e 2 (dois) professores de Língua Portuguesa, para a coleta de dados utilizamos observação em sala de aula e aplicação de questionário, tanto para os alunos surdos, quanto para o professor, uma vez que este é o mediador de conhecimento dos mesmos.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, abordaremos o ensino de Língua Portuguesa para os surdos, no segundo capítulo, discutiremos sobre o Letramento visual: repensando as práticas de leitura e escrita,

no terceiro capítulo, teremos os Artefatos culturais: experiência visual, em seguida, apresentaremos os procedimentos metodológicos e por fim, teremos os resultados e discussões do presente estudo, seguido das considerações finais.

## 2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS

O letramento dos alunos surdos em português (na modalidade escrita), é um processo gradativo que envolve práticas adequadas e o engajamento não só dos professores, mas também de todos que formam o corpo da escola. Assim compreendamos que esta tarefa se torna um processo delicado, porém que é essencial em todos os âmbitos de sua vida (pois apenas alfabetizar não é o suficiente), esse é o primeiro passo para refletirmos e percebermos o quanto as práticas de letramento são relevantes para todo o ambiente educacional onde há estudantes surdos. Nesse sentido, é preciso repensar as práticas de leitura e escrita de língua portuguesa, visando os recursos que mais favorecem a aprendizagem e o letramento para os mesmos.

De acordo com Nantes (2010, p. 73), “é através do ensino da língua materna que o cidadão será letrado e poderá usufruir de toda a diversidade de conhecimento produzido”. Sendo assim, adentrando no campo dos estudos surdos, a Libras e os artefatos que a contemplam são chaves essenciais para a construção do Letramento da pessoa surda brasileira, que a partir da união dos mesmos poderá aprender de fato uma outra língua (o português escrito, no caso). Todavia, é sabido que no ambiente educacional ainda há falhas no que diz respeito as práticas de ensino e letramento para estudantes surdos, isto, devido a vários fatores.

Nessa perspectiva, é preciso repensar as práticas de ensino voltadas ao português como L2 (na modalidade escrita) para as pessoas surdas, de modo que se crie possibilidades satisfatórias em relação à aquisição da leitura e escrita do português desses estudantes. Nessa perspectiva Nantes salienta: “o aprendizado da língua portuguesa deve fazer sentido para o aluno surdo, fazendo-o conhecer as práticas sociais de leitura e escrita. E essas práticas de letramento devem ser mediadas pela sua língua natural, a Libras. [...]” (NANTES, 2010, p. 77).

Pensando dessa forma, é de grande valia que se promovam práticas de leitura e escrita para os surdos, mas nada adiantará ou fará sentido algum para esse aluno se essas práticas não tiverem nenhuma mediação visual, seja por meio da Libras, seja por meio da imagem. A esse respeito Lima (2014, p. 2) assegura:

O sucesso escolar depende, em grande parte, do domínio da língua de escolarização como também nas suas práticas pedagógicas. Além disso, a aquisição dos conhecimentos em língua de sinais é uma das

formas de garantir a aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa [...]

Assim, fica evidente que a pessoa surda para adquirir fluência em língua portuguesa necessitará total e plenamente de sua língua materna, a Língua de Sinais. A aquisição da leitura e escrita consistirá no apoio dessa língua e na construção do sentido a partir da mesma trazendo resultados escolares satisfatórios.

De acordo com Pereira (2014, p. 3):

A aprovação do Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que estabeleceu, entre outros assuntos, a obrigatoriedade das escolas possibilitarem aos alunos surdos uma educação bilíngue, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua e a Língua Portuguesa é a segunda, trouxe a língua de sinais para a educação depois de quase cem anos de proibição.

Em todo caso, apesar das regulamentações da lei, as práticas de ensino, em algumas escolas, ainda são direcionadas apenas para os estudantes ouvintes, pois, a aula é toda ministrada em língua portuguesa, o que não contempla totalmente os estudantes surdos. Ademais, tais alunos contam com a tradução do intérprete que é uma grande conquista, mas que não garante a eliminação total de barreiras impostas por tais práticas. Pois, sabe-se que o professor é o mediador, que direciona e constrói o conhecimento com seus alunos, e que se faz necessário haver uma interação entre os mesmos (professores, alunos surdos e ouvintes) e todo o ambiente escolar, para que essa interação também estimule a produção de conhecimento e proporcione a todos uma aprendizagem que satisfaça as exigências a que somos expostos diariamente.

A aquisição da escrita do português se torna muito complexa para os surdos, devido esta ser uma língua oral-auditiva, que difere totalmente de sua língua materna, a Libras, por ser uma língua essencialmente visual (denominada língua visual-espacial). Um dos fatores que contribui para isso é, na maioria das vezes, os recursos, métodos e técnicas usados pelos docentes serem pensados apenas para os discentes ouvintes, assim o português é ensinado como primeira língua não beneficiando o surdo que tem o português como segunda língua.

Daí acontece o inevitável: as técnicas, os recursos e os métodos não ocasionam tanto estímulo de desempenho linguístico desses alunos, e por consequência resultam numa limitação em decorrer das duas línguas (a Libras e o



português escrito), “causando confusão e inadequação no uso das modalidades de discurso”. [...] (LIMA, 2014, p. 2)

Devido a esses fatores (métodos, recursos e técnicas inapropriados) os estudantes surdos não conseguem dominar com eficiência a estrutura gramatical (ou sintática) do português, conseqüentemente, apresentam uma noção de texto ainda vaga, isso leva a uma falta de interpretação semântica, resultando numa má compreensão do sentido do texto e, por conseguinte a leitura do mesmo não será eficaz. Ainda seguindo o pensamento da autora Lima, destacamos:

[...] Geralmente, a maioria dos professores utiliza o sistema alfabético, para representar palavras que os surdos nunca tenham visto antes, de nada serve para sua aprendizagem, seu aprendizado inicial deve se basear em outras unidades da língua, as unidades portadoras de significado. A unidade básica para a iniciação do surdo à escrita é a palavra inteira, pois nela o aprendiz encontra um sentido e uma correspondência com algo que já conhece. Desde os primeiros contatos com a língua escrita as palavras serão “fotografadas” e memorizadas no dicionário mental se a elas corresponder alguma significação. (LIMA, 2014, p. 7)

Pensando no sistema alfabético, neste caso, a palavra desconhecida será vaga de significado para o surdo. Como já citado, a construção do significado do português se dará através dos sentidos já construídos na língua de sinais, bem como frisou a autora, os surdos ao verem a palavra escrita procurarão em seu dicionário mental as imagens que, possivelmente, corresponda a esta palavra, isto acontecendo ele ligará a palavra a imagem e a imagem ao sentido como se fosse uma cronologia, assim a palavra ficará salva em sua mente e terá sentido sempre que interligada a imagem.

É nesta perspectiva de letrar os surdos em língua portuguesa (como L2), que a união de elementos visuais aos textos será de grande relevância para que o aluno possa visualizar a imagem e correlacioná-la com o texto, assim captando e construindo o sentido daquela leitura. Bem como nos explica Alexandra Albano (2009, np<sup>4</sup>), “As pessoas surdas são visuais: elas aprendem com as imagens e a leitura se torna menos difícil ou, pelo menos, há tentativas de ligar uma coisa à outra, através de ilustrações e do próprio entendimento do texto [...]”.

---

<sup>4</sup> Artigo não paginado, conferir em: <https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>

O surdo que ainda não tem fluência em língua portuguesa ao se deparar com um texto escrito terá grandes dificuldades em sua leitura e, por conseguinte, em sua interpretação, ao inserirmos nesse texto imagens de apoio (de acordo com o assunto abordado), daremos ao surdo uma acessibilidade de leitura, em que ele verá a imagem e já terá uma ideia básica do que se trata aquele texto. Com essa proposta de letramento o surdo poderá ler o texto com mais facilidade e sempre que surgir uma dúvida durante a leitura ele recorrerá a este elemento visual.

Desse modo, quando o espaço educacional entende que o surdo é totalmente visual e passa a dar enfoque a esses elementos visuais, ou seja, a partir do momento que inserem recursos que favorecem sua língua materna, sendo assim podendo usufruir da interação e da leitura visual dos surdos nas aulas, tais estudantes terão meios adaptados que lhes darão mais acesso a aprendizagem. Conseqüentemente, sendo letrado, o surdo terá mais autonomia. Nesse contexto, Leite e Botelho (2011, p. 13) afirmam:

Cabe à escola, então, proporcionar essa “convivência” na sala de aula: práticas sociais e processo educacional, de forma que possa servir como estratégia para a melhoria do aprendizado, fazendo com que o conhecimento tenha sentido para o aluno.

Portanto, é nesta perspectiva, que refletiremos acerca da aprendizagem dos alunos surdos, trazendo a relevância de se utilizar artefatos visuais nas práticas pedagógicas, assim beneficiando-os com novas práticas de leitura e escrita por meio do letramento visual. Vale apenas ressaltar que tais estudantes precisam de metodologias especializadas que supram suas necessidades de aspectos culturais as quais devem favorecer sua língua materna, a Libras, por isso propomos em nossa pesquisa os artefatos visuais.

## 2.1 LETRAMENTO VISUAL: REPENSANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

A linguagem é a nossa fonte de interação e comunicação com o mundo e com outrem, isto sim, é uma verdadeira ação de apropriar-se da linguagem e por meio desta construir o conhecimento e interpretar o mundo. Como afirma Oliveira e Cardoso (2011, p. 2): “Pela linguagem o homem consegue organizar o seu universo, compreender a realidade que o rodeia, interagir com o outro, transmitir e abstrair pensamentos e sentimentos do outro, fazer descobertas e adquirir conhecimento. ”

Adquirir o conhecimento e também construí-lo por meio da linguagem nos leva a condição de sermos pessoas letradas. Assim, pensando no surdo, o mesmo deve ter acesso a linguagem, a comunicação e a todos os benefícios que a mesma nos proporciona, sobretudo o acesso a sua língua de sinais.

Fernandes (1990) salienta que é indispensável o acesso à Língua de Sinais o mais cedo possível, pois, a dificuldade do surdo em desenvolver linguagem oral nos primeiros anos, interfere em seu desenvolvimento mental, emocional, bem como em sua integração social. Quando faz uso da língua de sinais, o surdo aumenta sua capacidade e a sua competência linguística, numa língua que lhe será útil como apoio para adquirir a língua oral, da comunidade em geral, como segunda língua, tornando-se bilíngüe. (FERNANDES, 1990, apud OLIVEIRA; CARDOSO. 2011, p. 2)

Como já citado inúmeras vezes, neste presente estudo, não se pode conceber o letramento do indivíduo senão pela sua língua materna, da mesma forma que não se pode letrar o surdo senão pela língua de sinais, pelo contato constante com essa língua e por todos os meios que o direcionam para ela. A compreensão do mundo para a pessoa surda, se dá por meio de sua língua natural- a Libras, sendo assim as práticas de leitura e escrita também devem ser realizadas por meio desta.

Albano (2009, np<sup>5</sup>), explica que “o Letramento surgiu para tornar eficaz o aprendizado dos surdos, pois prioriza a LIBRAS em todas as situações, sendo o português escrito, ensinado como segunda língua.” Dessa forma, o letramento intensifica o aprendizado dos mesmos, propiciando descobertas e interpretação do mundo, eliminando algumas barreiras que lhes são impostas dentro dele e garantindo mais autonomia.

---

<sup>5</sup> Artigo não paginado, conferir em: <https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>

Diante de tais afirmações destacamos o pensamento da autora Lebedeff (2010, p. 178):

Levando em consideração a discussão apresentada acima, percebe-se a necessidade de discussão sobre o acesso do aluno surdo a estratégias visuais de leitura e compreensão do mundo. Essas estratégias teriam como ponto de partida a área de estudo denominada de Letramento Visual.

Assim, como tão já frisado nesta pesquisa, a necessidade de repensar as práticas de leitura e escrita para os surdos é algo a ser discutido de modo que podemos proporcionar e facilitar o acesso a aprendizagem da pessoa surda, levando em consideração os meios que lhes darão esse acesso, ou seja, os meios visuais.

Ainda de acordo com a autora Lebedeff:

Letramento visual é compreendido por Oliveira (2006) como a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. Segundo a autora, o letramento visual é abordado a partir de várias disciplinas que buscam estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual; usar a tecnologia para representar a imagem visual; estratégias para interpretar e entender o que é visto. [...] (OLIVEIRA, 2006, apud LEBEDEFF, 2010, p. 179)

Nesse sentido, a leitura acompanhada de artefatos visuais e a interpretação de imagens são estratégias que ajudarão o surdo na compreensão do texto trabalhado por seu professor. Tais estratégias inserem-se no que entendemos por Letramento visual.

O Letramento visual como área de estudo trará também propostas de ensino mais eficientes para os sujeitos surdos, em que a Libras deverá ser tomada como língua central, e deve ser-lhe agregada valor por meio de recursos visuais, pois a união dos mesmos possibilitará ao surdo mais acesso ao conhecimento, com isso tornando-o letrado através de sua língua materna e de recursos que favoreçam a mesma.

Por isso, se tratando em letrar os surdos em português como L2 (segunda língua), o visual deve ser trabalhado como construção de significado. Quando pensarmos no ensino da leitura e escrita para os mesmos, não podemos esquecer que a língua portuguesa é para os alunos surdos uma segunda língua, assim nos afirma Lima (2014, p. 5):

Quando se trata de ensinar o português para surdos brasileiros, essa língua é encarada como segunda língua, uma vez que estes possuem, em sua maioria, uma língua com a qual se comunicam na comunidade surda que é a LIBRAS, constituindo-se em sua primeira língua. [...]

Dessa forma, devemos pensar também nos meios que serão utilizados para auxiliar o processo de ensino do Português como L2, a fim de que resultem em aprendizado para eles, pois é de grande relevância que o docente contemple a leitura como forma de treinamento, o contato direto do surdo com a escrita do português e a interpretação de texto, porém com o auxílio de um elemento facilitador e não dificultoso.

Albano (2009) discute a necessidade de o docente, quando não tendo fluência em Língua de Sinais, utilizar outros meios que beneficiem o letramento visual, assim trazendo conteúdos traduzidos em Libras através de vídeos ou vídeos com legenda (referentes ao conteúdo abordado), imagens, figuras, gravuras, desenhos, etc. pois ao utilizar meios que contemplem a cultura surda, isso fará mais sentido para o estudante surdo. Não esquecendo também o teatro surdo e as histórias narradas em Libras que fazem parte da literatura surda e também são muito importantes nesse processo. Tudo isso facilitará e contribuirá para a aprendizagem dos surdos.

Esses artefatos visuais propiciam benefícios para a construção do conhecimento do sujeito surdo, as aulas tornam-se descontraídas e mais estimulantes, passando a segurança de que eles (alunos surdos), não são incapazes, mas totalmente ao contrário, que os mesmos conseguem aprender como qualquer outro aluno, desde que haja metodologias educacionais especializadas.

Vale ressaltar que essas aulas prazerosas também contribuirão para a auto estima do surdo, pois ele sentirá que a escola é um ambiente que o acolhe, tentando ao máximo incluí-lo, o que não acontece, na maioria das vezes, fora dos muros da escola, levando em consideração o preconceito que permeia dentro da sociedade em que vivemos.

Desse modo, esses elementos visuais utilizados como estratégias de leitura e escrita voltadas diretamente para os discentes surdos trarão resultados mais satisfatórios no que diz respeito ao letramento em língua portuguesa como segunda língua dos mesmos.

## 2.2 ARTEFATOS CULTURAIS: EXPERIÊNCIA VISUAL

De início, podemos nos indagar: de onde vem os artefatos culturais e o que estes significam? Strobel (2008, p. 37), nos explica a respeito:

O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos estão habituados a apelidar de "artefatos" os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, [...] Segundo constatamos em diversos autores nos campos dos Estudos Culturais, o conceito "artefatos" não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. Traço comum em todos os sujeitos humanos seria o fato de que somos todos artefatos culturais e, assim, os artefatos ilustram uma cultura. (Sic) [GRIFO DO AUTOR]

Diante dessas afirmações podemos entender que “artefatos” é um termo específico da cultura surda, usado para designar as marcas culturais produzidas por grupos (os grupos de surdos, neste caso), que envolve não apenas a materialidade, como também o modo de olhar o mundo, compreendê-lo e transformá-lo bem como especificou a autora.

As marcas culturais (as quais acabamos de mencionar), de um povo são reflexo de uma construção e união de hábitos e costumes perpassados de geração para geração, construção também de valores, de identidades e de ideologias que vão além dos meros costumes e hábitos. A identidade é algo peculiar dentro de cada um e de cada grupo que este esteja imerso, assim destacamos o pensamento da autora Kraemer (2012, p. 142):

[...]A identidade cultural ou social, entendida a partir dos Estudos Culturais, é o conjunto daquelas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos, ou seja, aquilo que eles são. Nessa perspectiva teórica – dos Estudos Culturais – a identidade não existe naturalmente, ela é construída pelo próprio grupo e pelos outros, portanto ela não é única, fixa, tampouco estável.

A identidade de uma pessoa ou grupo está numa constante construção a partir das experiências (para os surdos esta experiência é visual). Os Surdos criaram e criam suas identidades também dentro de uma cultura própria, (a qual citaremos mais na frente). Acerca dessa perspectiva Kraemer (2012, p. 142) explica que:

Trata-se, portanto, de pensar que as identidades são construídas dentro das culturas e não fora delas. Isso significa dizer que as identidades são produzidas no interior dos discursos culturais e sociais. Neste contexto, a cultura da qual fazemos parte determina a

forma como vemos, explicamos e compreendemos o mundo. Este processo representa uma mudança abrangente e fundamental na forma de compreender a constituição das identidades, uma vez que se passa a entender as identidades sendo constituídas e transformadas a partir dos sistemas culturais que as representam e as interpelam.

Assim percebemos que a identidade do Ser está vinculada totalmente com a cultura a que se constrói. “Ao articular a identidade com a cultura, ou melhor, na compreensão de que a identidade é construída por meio da cultura, é importante marcar o que se pode compreender por cultura”. (KRAEMER, 2012, p. 142)

A cultura é uma forma de assumir a identidade, e se tratando do surdo, é uma forma também de se aceitar como surdo (uma pessoa diferente e não deficiente), abraçar a causa pelos direitos de cidadão dentro de uma sociedade e ir à luta por eles. Quando em contato com a comunidade surda no geral, o surdo constrói-produz essa outra face da cultura no meio social.

Desta forma, Kraemer (2012, p. 138), salienta:

Entendendo, inicialmente, que a cultura pode ser vista como um campo de lutas em torno da significação social. [...] É no campo cultural que se estabelecem formas de ser e de se relacionar com os sujeitos e o contexto social mais amplo.

Assim, a Cultura é algo imprescindível na vida de um ser humano, principalmente, a cultura como construção identitária e social dos sujeitos, como citado anteriormente. As relações sociais que a mesma pode nos proporcionar só poderão ser realizadas se houver uma mesma língua como nos explica Strobel (2008, p. 41):

Este contato criança surda X adultos surdos, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é que proporcionará o acesso a linguagem e desta forma, estará também assegurada a identidade e a cultura surda, que é transmitida naturalmente a criança surda em contato com a comunidade surda.

Desse modo, percebemos o quanto é relevante o contato entre os surdos e a comunidade surda, como forma de expressar sentimentos e fortificar a identidade surda, pois a partir da Libras a cultura do “olhar” sempre predominará, marcando assim cada experiência visual vivida.

Essa discussão a respeito do que constitui a cultura e a identidade do Ser e principalmente do surdo é necessária para que possamos refletir como o surdo

interage no meio social, e não apenas no escolar, pois os mesmos tem vidas fora dos muros da escola em que encontram-se em realidades diferentes, embora também visuais. Cada experiência vivenciada marca o surdo de maneira singular. As experiências visuais se dão, de acordo com a autora Kraemer (2012, p. 150), porque:

Outros sujeitos surdos fazem a opção de vivenciar suas experiências a partir de uma perspectiva cultural. Nesse contexto, a língua de sinais é um operador importante na constituição da identidade surda. É por meio de práticas visuais que se constituem elementos significativos no desenvolvimento dos sujeitos e em suas interações. Nessa forma de interação com o mundo, a condição da surdez não se apresenta como uma patologia, um problema a ser resolvido e/ou corrigido. Ser surdo significa experimentar de outras formas as vivências pessoais. Ser surdo, a partir de um contexto cultural, significa dialogar com os indivíduos a partir de outra língua: a língua de sinais.

Dada sua identidade constituída dentro da cultura surda, a partir de um contexto cultural de interação, a língua de sinais e todos os artefatos visuais que a acompanham vão guiando cada experiência do surdo, de modo intenso e único, vai sentindo estas experiências. Por isso a experiência visual está totalmente ligada aos artefatos culturais e a identidade do surdo, assim os permitindo vivenciá-las, seja na escola, seja na família e, principalmente, no meio social em que interagem com outros indivíduos, surdos ou ouvintes.

As experiências que envolvem práticas culturais, como por exemplo, fazer uma viagem, ir ao cinema, ir a eventos, passeios com a família, amigos, parar para tomar um lanche, ir à festas ou à academia, para nós -ouvintes- é algo tão simples, pois a maioria das pessoas que cruzamos nas ruas e nesses ambientes falam a mesma língua e assim nos dá acesso a comunicação para chegar a qual quer um desses lugares e fazer essas atividades, mas e o surdo? Será que é tão simples assim pegar um voo? Participar de um evento sem que haja intérprete ou ao menos placas de aviso? Como será seu dia a dia, caso ele precise de consulta médica? Será que haverá comunicação? E se os surdos precisarem ir a outros lugares públicos como banco, cartório, fórum etc, como será?

Cada experiência dessa, em vez de ser algo prazeroso e produtivo para os surdos, muitas vezes é marcada de forma frustrada, pois não há a comunicação devida. Atenta a todas essas questões, a autora Strobel (2008), por ser surda e estar em constante interação com outros surdos, com a cultura surda e com a comunidade



surda, e ainda estudar e pesquisar todas essas questões que envolve os surdos, nos faz refletir a respeito de algumas dessas experiências.

A exemplo, um fato que nos chamou bastante atenção dentre os relatos da autora, foi quando ela relatou ter confundido uma lagartixa com um jacaré e que isso lhe causou um certo pânico, principalmente, porque ela era ainda criança e não tinha nenhum surdo adulto para lhe explicar a diferença entre esses dois animais e o grau de perigo dos mesmos, sem ter certeza de nada, ela ficou muito angustiada e só com o tempo depois descobriu que esses animais não eram iguais. Agora, atentamos para outra reflexão da autora, que assim como toda criança, a criança surda também tem muitas curiosidades, mas ao contrário das outras (que são ouvintes, no caso), suas curiosidades são saciadas, elas perguntam e ouvem as respostas, já as crianças surdas não, como vimos, no exemplo anteriormente citado, principalmente, se o surdo nasce em família ouvinte e tardia a aquisição da língua de sinais, ele não terá a quem fazer essas indagações.

Strobel (2008), ao fazer em seu livro (especificamente no tópico artefatos culturais: experiência visual), esses relatos de situações visuais vivenciadas por ela e por outros surdos, situações muitas vezes constrangedoras em que os surdos não são vistos, são esquecidos e deixados num canto, provoca nossa reflexão acerca de como a sociedade ainda não dá vez a essas pessoas. A autora supracitada discute também a necessidade de voltarmos nosso olhar para elas, trazendo como de suma importância a acessibilidade visual e as possibilidades de integração nessa sociedade. Cada relato de experiência destacado pela autora requer atenção especial, nos fazendo entender um pouco de cada fato vivido pelo surdo. E de que os princípios e valores dentro da cultura surda são muito importantes.

Tem algumas atitudes acerca da percepção visual entre os sujeitos surdos, por exemplo, durante a conversa ficar de frente a frente é uma circunstância muito valorizada pelo povo surdo, não importando a distância, por isso eles evitam virar as costas enquanto estão em interação; se isto ocorre é considerado como insulto ou desinteresse. Também quando estão conversando distantes um de outro e alguém "corta" neste espaço visual ficando de obstáculo no meio, é considerado uma grave falta de educação para a comunidade surda. (STROBEL, 2008, p. 42)

Assim, a cada dia precisamos aprender a valorizar essa cultura diferente, a cultura surda e a Libras, e principalmente, aprender a respeitar cada um dos surdos como cidadãos que também constituem nossa sociedade e devem ter os mesmos

direitos dentro dessa, visando trazer melhorias não só na educação, mas também nos meios públicos-sociais, essa melhoria consiste em valorizar o visual que é de suma importância para a aquisição de uma segunda língua (a Língua Portuguesa escrita, no caso do surdo brasileiro), a partir disso também possibilitará o Letramento nesta língua a fim de garantir a comunicação visual entre os mesmos e a sociedade em que vivem.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **LÓCUS DA PESQUISA**

A presente pesquisa foi realizada num Instituto Federal da Paraíba da cidade de Guarabira, em que é ofertado matrículas para alunos surdos.

### **TIPO DE PESQUISA**

Foi desenvolvida com base na pesquisa qualitativa, visando trazer um olhar analítico sobre as práticas de leitura e de escrita do português para os surdos e se há o apoio dos recursos visuais, que valorizam, dessa forma, a língua materna dos surdos, a Libras. De acordo com Richardson (2012, p. 90):

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

Assim, a pesquisa qualitativa evidenciará uma qualidade maior nos resultados de um fato investigado pelo pesquisador e ainda uma compreensão melhor desses fatos investigados, em decorrência disso, este tipo de pesquisa contribuiu de forma significativa para o nosso estudo, pois a partir dele pudemos investigar de maneira plena e clara o que foi problematizado na presente pesquisa, a fim de trazeremos possíveis propostas de soluções.

### **PÚBLICO ALVO**

Traremos como protagonistas para compor este cenário, 3 alunos surdos que estão cursando o 1º ano do Ensino Médio, dois são do sexo masculino (um tem 31 anos e o outro tem 30 anos) e uma do sexo feminino com 19 anos de idade. E 2 professores (uma do sexo feminino e o outro masculino) do respectivo Instituto. Ambos docentes de Língua Portuguesa, atuam diretamente na construção do conhecimento dos alunos surdos, a professora há aproximadamente um ano e o professor há treze anos.

### **INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Para coleta de dados utilizamos aplicação de questionário, tanto para os alunos surdos, quanto para os professores, uma vez que estes, devem ser também os mediadores de conhecimento dos mesmos. Segundo Richardson (2012), a partir das informações advindas de um questionário poderemos caracterizar um indivíduo ou grupo. Tais informações serão observadas e descritas, detalhadamente, com isso

poderemos também conhecer melhor a quem estamos observando, cumprindo assim a função de um questionário aplicado em determinado contexto.

Há dois tipos de questionário: a) de perguntas fechadas e b) de perguntas abertas, no olhar de Richardson (2012), a opção a) antecipa as respostas, tornando-as muito restritas, ao contrário da opção b) assim nos afirma o autor:

Os questionários de perguntas abertas caracterizam-se por perguntas ou afirmações que levam o entrevistado a responder com frases ou orações. O pesquisador não está interessado em antecipar as respostas, deseja uma maior elaboração das opiniões do entrevistado. (RICHARDSON, 2012, p. 193)

Dessa forma, devido a necessitarmos de informações mais elaboradas escolhemos questionários de perguntas abertas, pois ainda seguindo a visão do autor Richardson (2012, p. 195):

Uma das grandes vantagens das perguntas abertas é a possibilidade de o entrevistado responder com mais liberdade, não estando restrito a marcar uma ou outra alternativa. Isso ajuda muito o pesquisador quando ele tem pouca informação ou quer saber um assunto.

Desse modo, é possível dar ao investigado liberdade e autonomia para expor sua opinião nas respostas, o que não acontece no questionário de perguntas fechadas, pois o investigado ficará restrito as opções contidas no mesmo, como já citado anteriormente.

Também será usado para a coleta, a observação em sala de aula visando analisar as práticas de leitura e escrita para com os estudantes surdos. Segundo Neto (2001, p. 22):

A técnica de *observação participante* se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. [...] A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Unido ao questionário de perguntas abertas, este tipo de técnica (observação participante) foi de grande valia para a coleta de nossos dados, tendo em vista que estivemos inseridos diretamente num contexto real em que foi nos permitido observar todos os fatos. Para tanto, neste momento, se fez necessário observar como foram aplicadas essas práticas, a fim de identificar se nas mesmas havia a inserção dos

recursos visuais, sendo estes favoráveis a Libras para com essa junção promover eventos de letramento, resultando em aprendizado para os sujeitos surdos.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 194), há dois tipos de observação participante: a) natural e b) artificial, em nosso estudo, optamos pela observação participante artificial que para os autores citados significa dizer que “O observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações”. Desse modo, apenas observamos e colhemos informações mesmo sem pertencer a mesma comunidade do grupo observado, ao contrário do caso da observação participante natural.

Sendo assim, após realizada a pesquisa de campo, tais dados coletados serviram de base para uma análise comparativa entre dados e revisão teórica, para assim chegando aos objetivos desejados que já foram citados na presente pesquisa.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentaremos os dados coletados, tanto da observação quanto do questionário aplicado, que serão essenciais para essa análise e possíveis constatações a respeito dos objetivos da presente pesquisa, ou seja, analisar as práticas de leitura e escrita com vistas a identificar se há ou não a inserção do método visual no ensino do português (L2) para os surdos no Instituto Federal da Paraíba, localizado na cidade de Guarabira. Tais dados nos serviram para entender melhor o ambiente educacional em que há surdos, dessa forma, a observação realizada em sala de aula e o questionário nos proporcionaram uma aproximação com o contexto real desses alunos, nos permitindo chegar as conclusões que serão logo mais expostas no presente estudo.

Contribuíram para a nossa pesquisa cinco participantes, dentre esses, uma professora de língua portuguesa que atua com surdos há apenas 1 (um) ano e que será chamada de R, outro professor que também atua com surdos, sendo este há 13 (treze) anos e será aqui chamado de E, os outros participantes são alunos surdos do primeiro ano do Ensino Médio, a aluna surda será chamada de S, os outros dois alunos serão chamados de N e J. Dessa forma, garantiremos a privacidade dos participantes e manteremos nossa ética profissional.

Antes de expormos os dados coletados, vale ressaltar que só foram observadas as aulas da professora R, e que os surdos N, J e S são alunos da mesma. Quanto ao professor E, não houve aulas observadas, pois, o mesmo não tem turmas no respectivo Instituto, atualmente, ele executa outra função, mas sua contribuição para nossa pesquisa se deu através do preenchimento do questionário, tendo em vista que o mesmo já atuou com alunos surdos.

A pesquisa se deu durante duas semanas, tendo início no dia 21 de outubro de 2019 e final no dia 30 de outubro de 2019, foram observadas ao todo oito aulas, sendo duas por dia. No dia 21/10 fui até o Instituto Federal da Paraíba, da cidade de Guarabira para observar as aulas da professora R, a fim de constatar se nessas aulas de Língua Portuguesa haviam a inserção do visual no que diz respeito a leitura e escrita do português para os surdos. Neste dia ocorreram apresentações de seminários sobre livros por parte dos alunos ouvintes. Indaguei a mim mesma: será

que os alunos surdos também farão esta atividade (apresentar seminários sobre livros)? Se sim, como o farão?

No dia 23/10 retornei para continuar minha observação, na primeira aula, do respectivo dia continuou-se os seminários, e na segunda aula, como a professora R precisaria ausentar-se da sala para aplicar uma prova em outras turmas, pediu para que os alunos realizassem uma atividade sobre literatura (O Arcadismo), os alunos surdos também teriam que fazer o mesmo, mas claro, com a tradução do intérprete que também se fez presente nas aulas do dia 21/10 traduzindo para versão voz cada seminário apresentado.

Até o momento não se observou práticas de leitura e escrita voltadas para os alunos surdos que envolvessem meios visuais, ou seja, nas aulas desses dois dias não houve o uso de imagens, desenhos ou qualquer outro elemento visual que facilitasse a compreensão do surdo sobre o conteúdo abordado. Pois, na perspectiva do Letramento visual, seria de grande valia para a aprendizagem do aluno surdo a inserção de uma imagem que fizesse referência ao que estava sendo dito, como nos explica Albano (2009, np<sup>6</sup>):

[...] No letramento, o uso de ilustrações nos textos faz com que a leitura torne-se agradável, pois dessa forma, o aluno surdo pode visualizar não só o texto, mas as figuras que representarão o que todas aquelas palavras querem dizer, daí surgirão as interpretações.

Para que haja mais clareza, vejamos o exemplo: nos seminários poderiam ter inserido uma imagem que representasse a capa do livro apresentado ou até mesmo que remetesse ao enredo da história. Mas isso só seria possível se a professora já tivesse tomado ciência disso, por consequência, conscientizasse seus alunos e os instruisse a isso.

Porém, pôde-se constatar na observação que alguns colegas de classe, mesmo não tendo domínio da Libras, interagem com os alunos surdos, tentando de alguma forma explicar e ajudar na atividade (anteriormente citada) passada pela professora. O que é de suma relevância para a construção do letramento dos alunos

---

<sup>6</sup> Artigo não paginado, conferir em: <https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>

surdos, pois a interação com o ambiente escolar como um todo, resulta em troca e construção de conhecimento.

A turma era muito numerosa e ainda no dia 29/10 no turno da tarde, a professora R repôs a aula anterior para finalizar as apresentações dos alunos ouvintes, retomei então a minha indagação (citada no terceiro parágrafo desta seção), se os alunos surdos apresentariam ou não esta mesma atividade. Pois a mesma consistia na leitura de livros (alguns chegavam a aproximadamente 400 páginas), apresentação oral (um breve resumo da história e sobre o autor) aspectos positivos e negativos do livro, indicação para algum público e ainda uma parte escrita sobre tudo apresentado. Além do mais as leituras muito extensas se tornam enfadonhas para os alunos surdos, devido não terem ainda domínio da estrutura da Língua Portuguesa e contato constante com a escrita.

Continuando minha observação pude esclarecer minhas indagações, segundo a professora R, os alunos surdos iriam sim apresentar os seminários, mas não de livros e sim dos filmes<sup>7</sup>: ‘Jonas’<sup>8</sup> e ‘As crônicas de Nárnia’. Os alunos deveriam escolher entre esses dois filmes, assisti-lo, apresenta-lo seguindo as mesmas orientações, mas claro, a apresentação seria em Libras e o intérprete traduziria, faria a versão voz para a professora R, que me relatou: *“devido os alunos surdos serem visuais propus que assistissem filmes ao invés de lerem as obras para apresentar seus seminários”*, contudo não ficou determinado o dia da apresentação.

As utilizações de filmes de livros se tornam estratégias de grande relevância para auxiliar nas práticas de leitura e escrita dos alunos surdos, pois contemplam a leitura visual da obra e ajuda na compreensão da mesma e, conseqüentemente, numa possível produção escrita sobre a obra.

Já nas aulas do dia 30/10 a professora R retomou a atividade<sup>9</sup> que tinha passado no dia 23/10 a fim de fazer uma correção coletiva com os alunos e uma explicação do assunto novo (O Arcadismo), apesar dela ter feito uma leitura visual da imagem intitulada: “A morte de Sócrates” contida no livro didático, isso não contemplou os alunos surdos, pois ao mesmo tempo que ela explicava fazia referência

---

<sup>7</sup> Filmes legendados.

<sup>8</sup> Filme bíblico.

<sup>9</sup> Perguntas a respeito da imagem posteriormente citada.



a imagem<sup>10</sup> e os alunos ouvintes podiam conferi-la, os alunos surdos não tinham essa vantagem<sup>11</sup>, fitavam apenas os olhos no intérprete para entender o assunto, sendo assim, não houve um benefício em relação ao visual utilizado, pois a aula foi dada toda na modalidade oral, fazendo referência a imagem apenas algumas vezes.

Dada a observação dessas aulas, vale ressaltar a sua importância pois a partir da mesma pôde-se vivenciar o contexto real dos estudantes surdos e ver como são aplicadas as práticas de leitura e escrita do português na modalidade escrita para os mesmos, nos permitindo fazer as tais constatações até o momento apresentadas. Para tanto, a partir de agora nossa análise será voltada para as repostas dos questionários dos respectivos participantes, são eles: professora R, professor E, estudante surda S, estudante surdo N e estudante surdo J. Iniciaremos, analisando as repostas dos professores, é de suma importância destacarmos que tais repostas foram transcritas conforme o material original.

Quadro 1- Métodos e benefícios
Pergunta 1- Quais métodos, no ensino da língua portuguesa, são utilizados para os alunos surdos? E quais são os benefícios obtidos em utilizá-los?
Professora R: Na verdade não há um método específico, trato como os outros alunos.
Professor E: Vídeos com legenda, charges, tirinhas, produções textuais por meio de vídeos.

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se em relação a essas duas repostas que houve um equívoco (talvez por falta de conhecimento da língua), por parte da professora R quando ela afirma não ter método específico, e sabemos que o português configura-se para o surdo como uma segunda língua e o ensino do mesmo requer métodos adaptados. A esse respeito Lebedeff (2010, p. 180) ressalta que:

<sup>10</sup> Aprofundaremos sobre essa questão na análise dos questionários.

<sup>11</sup> Ouvir e conferir a explicação na imagem.

Diversos autores salientam, a partir da experiência visual da surdez, a necessidade de que os processos educativos que envolvem alunos surdos implementem estratégias ou atividades visuais e, principalmente, que possibilitem aos surdos, eventos de letramento visual. [...]

Por exemplo, quando o professor E utiliza tais recursos citados em sua resposta para com os surdos, não quer dizer que ele trate seus discentes com indiferença, e sim que ele adapta os meios de sua prática docente de acordo com a necessidade educacional de seu aluno, percebe-se também em relação a resposta que o mesmo tem um certo conhecimento em língua de sinais, e que esses são meios que usados no processo de leitura e escrita favorecem tanto o ensino do português escrito para os surdos, quanto garante a aprendizagem dos mesmos.

Isto porque são meios que se inserem no método visual, os gêneros charge e tirinha por exemplo, apresentam tanto o texto escrito quanto o texto visual por meio dos desenhos, assim o surdo pode ler e ainda consultar visualmente o texto, a expressão dos personagens, os movimentos, o cenário, entre outros aspectos. Essa perspectiva está de acordo com o letramento visual. Segundo Gesueli e Moura (2006, p. 2), “O letramento na surdez tem sido motivo de preocupação para os pesquisadores da área, provocando inúmeros questionamentos sobre as estratégias e métodos a serem utilizados no processo de construção da escrita do português. [...]”

Esses questionamentos têm mobilizado várias pesquisas na área que enfatizam a imagem e o visual como apoio para o método de ensino da L2 para os surdos. Como também nos enfatiza a autora: “Outro aspecto a se considerar é o papel da imagem presente no processo educacional de um modo geral e de forma ainda mais expressiva no processo de construção de conhecimento de alunos surdos. ” (GESUELI; MOURA, 2006, p. 11)

Por isso, o visual é essencial para ensinar o português como L2 para a pessoa surda, pois é um fator constituinte do conhecimento desses alunos e o gênero charge e tirinha, por serem recursos visuais também se inserem nessa perspectiva de letramento visual. Analisaremos agora o quadro 2:

Quadro 2- Leitura e escrita do aluno surdo, desafios encontrados.
---

Pergunta 2- No que diz respeito a prática docente voltada a leitura e escrita do aluno surdo, discorra como acontece esse processo. Quais os desafios encontrados?

Professora R:

O desafio maior é a ausência de letramento na língua portuguesa. Os alunos desconhecem a língua e sentem dificuldade em fazer as tarefas da disciplina.

Professor E:

Como o aluno surdo não tem a língua portuguesa como língua materna, mas sim como L2, há uma grande dificuldade textual nas produções escritas. A estrutura é muito comprometida sendo difícil a evolução ocorrer de forma plena

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao ler a resposta da professora R deste quadro 2, retomei a resposta do quadro 1 e me fiz as seguintes indagações: os alunos surdos não são letrados em português (como L2) por quê? Como adquirirá o letramento em português se ele é tratado como os outros alunos, no sentido de que o mesmo método usado para o ouvinte é usado para ele, sabendo-se que ele não tem o sentido da audição?

Essa é uma questão a ser refletida, pois se o estudante não tem o letramento do português como L2, cabe a minha condição de professor objetivar letrar esse aluno e pensar em quais métodos deverão ser usados nesse processo. De acordo com Lebedeff (2010, p. 179):

[...] Discutir então letramento para a surdez requer pensar em práticas culturais e sociais: pensar em como os surdos leem e interpretam o mundo a partir de suas singularidades linguísticas e culturais; pensar em como os surdos utilizam social e culturalmente a língua escrita.

Dessa forma, se já é sabido que com o método oral não se obtém resultados positivos, é preciso pensar em outros que o tenham, neste caso, o método visual. Este método visual deve ser inserido nas práticas de leitura e escrita na escola, como ainda nos afirma a autora:

[...] A leitura de imagens e as estratégias visuais de leitura e interpretação de textos devem ser incentivadas nas escolas e utilizadas não apenas como ferramentas de apoio e, sim, devem ocupar espaço central na organização do ensino [...] (LEBEDEFF, 2010, p. 193)

O letramento, além do que já foi dito, é o resultado desse processo caso tenha sido bem desenvolvido.

Em partes, é possível concordar com a professora R, pois os alunos surdos sem o letramento terão dificuldades em realizar as tarefas, contudo, retorno a reflexão anterior. Sabemos que os alunos surdos não desconhecem a língua portuguesa, e sim não tem total domínio de sua estrutura linguística, por isso a causa da grande dificuldade em relação as atividades.

Já na resposta do professor E, podemos ver mais clareza sobre o processo da leitura e escrita do português, a principal diferença entre as respostas dos professores está na breve explicação dada pelo professor E ao discorrer sobre o processo de leitura e escrita do aluno surdo. Segundo Kraemer (2012, p. 151), “A língua portuguesa, como recurso de escrita, constitui-se como uma segunda língua utilizada pelos surdos”. Então, quando o professor E usa essa informação dizendo que os surdos têm o português como L2, significa dizer que ele tem um esclarecimento sobre a pessoa surda e sobre a aquisição da L2.

Quando se atua com estudantes surdos, esta é a primeira particularidade sobre eles, sua cultura e sua língua que se deve conhecer, ou seja, sabendo-se que a língua materna do surdo é a língua de sinais e o português constitui-se como L2 na modalidade escrita, entenderemos que tais estudantes não terão o domínio necessário, neste caso, faz-se refletir sobre os métodos usados para lhe ensinar essa nova língua, e que esses métodos precisam ser adaptados de acordo com a necessidade do aluno. Vejamos agora o quadro 3:

Quadro 3- Experiências exitosas na leitura e escrita
Pergunta 3- Relate experiências exitosas no processo de leitura e escrita e ao aluno surdo.
Professora R: Não houve até agora.

Professor E:

Apresentações de seminários, vídeos sobre produções textuais produzidos pelos próprios alunos surdos. Além de um tutorial produzido por eles com a temática “como tratar um aluno surdo no IF”

Fonte: Dados da pesquisa.

Dadas as experiências citadas pelo professor E, percebemos que são situações que obtiveram êxito porque foram realizadas através do método visual. É sabido que o surdo é visual e que não haveria outro método que obtivesse êxito a não ser pelo mesmo, que é considerado segundo o Letramento visual como o método mais eficaz para se trabalhar com surdo. Salientamos que a visualidade é apontada por pesquisadores da área da surdez, como o meio mais eficaz de atingir os surdos e favorecer a sua produção de conhecimentos [...]” (CAMPELLO, 2007; LODI e LACERDA, 2009, QUADROS, 1997 apud NASCIMENTO, 2014, p. 4)

Isso consiste em trabalhar com imagens, vídeos com legenda, gravuras desenhos, entre outros que favorecem a visão do surdo, dada a especificidade de experiência visual pertencente a cultura surda como exemplifica Strobel (2008, p. 38):

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?

Pensando na resposta da professora R que afirma ainda não ter tido nenhuma experiência exitosa no processo de leitura e escrita dos estudantes surdos, pode-se entender que a mesma não contemplou nas aulas observadas o método visual voltado, especificamente, para esses estudantes e que é preciso se inteirar da realidade destes.

A partir de agora apresentaremos as respostas dos questionários dos alunos surdos, são eles: surdo N, surdo J e surda S.

Quadro 4- Aulas de português

Pergunta 1- Você gosta das aulas de língua portuguesa?

Surdo N: SIM PARCIALMENTE
Surdo J: SIM PARCIALMENTE
Surda S: SIM TOTALMENTE

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos ver, neste quadro, que apenas a aluna surda S gosta totalmente das aulas de língua portuguesa, sendo os demais gostando apenas um pouco, na observação se constatou que a surda S sempre estava atenta a tradução da aula feita pelo intérprete e fazia perguntas constantemente em relação aos conteúdos, já os demais surdos ficavam dispersos em alguns momentos, conversavam entre si enquanto o intérprete estava traduzindo. Na sequência vejamos o quadro 5:

Quadro 5- Compreensão dos conteúdos.
Pergunta 2- Você compreende os conteúdos que são lhes ensinados nas aulas?
Surdo N: SIM PARCIALMENTE
Surdo J: SIM PARCIALMENTE
Surda S: SIM PARCIALMENTE

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando que os três alunos surdos compreendem os conteúdos parcialmente, entende-se que pelo fato de o Português se tratar de uma segunda língua a mesma se torna mais complexa para eles, dessa forma, a velocidade no desenvolvimento é mais gradativa e não acompanham os alunos ouvintes pois o

método utilizado é, na maioria das vezes, o da modalidade oral, principalmente se for um conteúdo específico da língua como a sintaxe e que envolve a estrutura linguística ou até mesmo a interpretação de texto já que a estrutura da Libras e a estrutura do português são totalmente diferentes (como veremos no próximo quadro).

Esse fator juntamente com os métodos não adequados resulta numa dificuldade em compreender os conteúdos da Língua Portuguesa. Por isso “[...] é importante que o professor conheça métodos e técnicas adequados para a realização de um trabalho sistemático e contínuo que acompanhe o desenvolvimento do aluno surdo.” (FERREIRA, 2010, apud OLIVEIRA; CARDOSO, 2011, p. 2). Vejamos agora o quadro 6:

Quadro 6- Dificuldades na leitura e/ou escrita
Pergunta 3- Nas aulas de língua portuguesa, você acha mais difícil a leitura ou a escrita? Por quê?
Surdo N: A escrita fácil, eu conseguir parcialmente.
Surdo J: Escrita por que é difícil, palavras adaptar é melhor.
Surda S: Palavras português eu sei conheço nas sozinha palavras português escrever é difícil palavras eu não conheço.

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebam, como citado anteriormente, a diferença na estrutura linguística das duas línguas (o Português e a Libras), atentem para a ordem das palavras na resposta da aluna S e vejamos que essa estrutura é da Libras e não do português, provavelmente ela formulou em sua mente uma sequência de sinais e depois escreveu as palavras que correspondiam a estes sinais na mesma sequência que estavam em seu pensamento, os alunos surdos não tem domínio da concordância verbal, por exemplo, e isso nos mostra que eles tem mais dificuldade na escrita do que na leitura do Português.

Oliveira (2001) destaca que a aprendizagem da escrita pode tornar-se ainda mais complexa para os sujeitos surdos pelo fato de as metodologias de ensino, voltadas para essa especificidade, serem fundamentadas, quase que unicamente, no aspecto fônico da língua, e o ensino pode se dar muitas vezes de forma descontextualizada e mecânica. Para os sujeitos surdos, esse processo resulta num desenvolvimento precário e insuficiente da modalidade escrita do Português. [...] (OLIVEIRA, 2001, apud OLIVEIRA; CARDOSO, 2011, p. 5)

Por isso seria interessante que o professor estimulasse essa escrita, utilizando um método adequado, é claro. Por exemplo, através de um vídeo ou imagem o aluno surdo fará sua leitura visual, e a partir da mesma irá escrever o que entendeu, como uma releitura do que viu, nas primeiras vezes ele continuará fazendo a sequência na estrutura da Libras, e o professor deve ajudá-lo a colocar essa produção na estrutura da língua portuguesa, com a prática esse aluno irá conhecer melhor a estrutura das duas línguas sabendo diferencia-las e usa-las, assim também lhe ajudará na leitura e compreensão de textos, e as práticas de leitura e escrita serão favoráveis aos surdos. Nessa perspectiva, Quadros (2006, p. 44) ressalta:

Num estágio inicial de produção escrita o mais importante é que a criança surda consiga expor o seu pensamento, portanto não é necessário haver, num primeiro momento, uma preocupação exagerada com a estruturação frasal na língua portuguesa. Isto se dará mais adiante, quando a criança já estiver mais segura para se “arriscar” no mundo da escrita. A criança vai ler textos em português, além dos próprios textos produzidos por ela mesma. Deve-se ter sempre o cuidado para que estes momentos iniciais de produção não sejam frustrantes para a criança, mas ao contrário sejam atraentes, desafiadores e que toda produção seja valorizada, por mais simples que possa parecer, pois o objetivo maior é levá-la a ter vontade de escrever o que pensa, reconhecer que os seus pensamentos são importantes e que todos podem ser registrados.

Vejamos agora o quadro 7:

Quadro 7- Métodos que facilitam e dificultam a aprendizagem
Pergunta 4- Em relação aos métodos usados pelo professor, cite o(s) método(s) que facilita(m) e o(s) que dificulta(m) sua aprendizagem
Surdo N:  Os método(s) que o professor usar que dificulta Ex: professor copiar conteúdo e explicar ao mesmo tempo



Surdo J:

Fotos ⇨ fácil

Texto ⇨ difícil

Surda S:

Professor adaptar temas com desenho. Filmes ajuda entender claro. Textos grandes, entrevistas eu gostar mais ou menos difícil as vezes.

Fonte: Dados da pesquisa.

Neste quadro, tomando como exemplo a resposta do surdo N, pois há uma clareza maior, entendemos que o método que a professora R utiliza nas aulas de português não contemplam tanto os alunos surdos, enquanto ela explica o conteúdo e o copia, o aluno ouvinte ouve e também o copia, já para os surdos não há essa possibilidade, ou eles copiam ou olham para o intérprete. Nesse caso, em relação ao surdo, o professor deve copiar e depois explicar o assunto ou vice-versa.

Vejamos na resposta do surdo J que ele considera a utilização do texto um recurso que dificulta sua aprendizagem e que a utilização de fotos seria totalmente o oposto, sabe-se que se o surdo estuda língua portuguesa ele precisa ter contato com textos da mesma, propõe-se, então, que haja uma união dos dois, ou seja, que além do texto haja uma foto que faça referência a esse texto para auxiliar o surdo na leitura e compreensão do mesmo. Como reflete a autora:

[...] de acordo com Reily (2003), deveria dar atenção especial para a necessidade de um letramento visual para os surdos, sugerindo que os educadores deveriam refletir mais sobre o papel da imagem visual na produção do conhecimento. Salienta a necessidade de utilizar-se a imagem adequadamente como recurso cultural que permeia todos os campos de conhecimento e que traz consigo uma estrutura capaz de instrumentalizar o pensamento. " (REILY, 2003, apud LEBEDEFF, 2010, p. 180)

Já na resposta da aluna surda S vemos que ela propõe que o professor adapte os temas (conteúdos) com desenhos, pois é um método que facilita e favorece o visual, da mesma forma os filmes que também ajudam a entender com mais clareza. Podemos observar em sua resposta, ao contrário da resposta do surdo J, que ela não

tem tanta dificuldade em relação aos textos, que é difícil de vez em quando, assim como a entrevista que a mesma afirma gostar mais ou menos.

O que se pode constatar na presente pesquisa, tanto no questionário quanto na observação, principalmente nesta segunda por ter nos permitido vivenciar as práticas realizadas, é que o ensino do português como L2 voltado as práticas de leitura e escrita para os surdos, é um tanto misto, isto é, tanto há o método oral, como em alguns momentos o professor consegue adaptar o conteúdo e usar métodos visuais que contemplem os surdos. É sabido que não é uma tarefa fácil atingir a todos os alunos ao mesmo tempo, mas que é preciso garantir, enquanto professor, a aprendizagem destes, por isso é tão importante refletir a prática docente voltada a leitura e escrita dos discentes surdos.

## 4 CONCLUSÃO

Após a análise de nossa pesquisa alguns pontos merecem destaque e é imprescindível os ressaltarmos aqui. Em primeiro lugar, que a realização das práticas de leitura e escrita da L2 para os surdos são desafiantes, o processo de letramento é para os surdos um tanto delicado e gradual, assim também desafiando os profissionais da educação que atuam com os mesmos.

É imprescindível ressaltar que, entendemos por Letramento aqui (além do que já foi dito), o processo e/ou a construção de conhecimentos. Esse processo não é adquirido de uma hora para a outra num ambiente específico, mas sim, vai sendo construído a partir de tudo que já foi vivenciado e ainda unido ao que estamos vivenciando, pois sempre estamos aptos a aprender mais e mais, com isso acumulando uma carga de sabedoria para usarmos nas diferentes situações do dia a dia quando for nos exigidos. Desse modo, é importante passarmos por esse processo de construção para nos tornarmos pessoas letradas.

Outro fator que requer atenção é que ninguém constrói nada sozinho, nesse caso, a interação com o professor, o intérprete, os colegas de sala e outros que compõem o corpo da escola, também com os amigos, os familiares e a comunidade surda no geral é de total importância para o processo de letramento. E que é muito importante nos inteirarmos da cultura surda, sendo esta essencialmente visual e que haja o engajamento de todos nesse processo.

No entanto, apesar dos desafios, é muito gratificante poder contribuir para melhorias na educação dos surdos, para a conscientização não só minha, mas também das demais pessoas em relação ao melhor método para ensinar os surdos, que é o visual, e não só contribuir no âmbito da educação, mas também no geral, na valorização da cultura surda e da Libras. Com a pesquisa almeja-se, principalmente, uma conscientização por parte dos educadores, pois é imprescindível que reflitamos acerca das práticas de leitura e escrita e do processo de letramento, não esquecendo que o surdo é visual e inserir este nas práticas docentes é o melhor meio para contemplar o surdo, sendo assim espera-se que a partir desta surjam futuras pesquisas voltadas para a melhoria da educação dos surdos, e também desperte o interesse de demais pessoas para que sejam futuros pesquisadores da área.

## REFERÊNCIAS

- ALBANO, Alexandra Maria dos Santos. **Letramento para surdos? Um novo olhar sobre as práticas pedagógicas**. 2009. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>>. Acesso em: 10 jul. 2019
- GESUELI, Zilda Maria; MOURA, Lia de. **Letramento e surdez: a visualização das palavras**. © ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.110-122, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/315916491\\_Letramento\\_e\\_surdez\\_a\\_visualizacao\\_das\\_palavras](https://www.researchgate.net/publication/315916491_Letramento_e_surdez_a_visualizacao_das_palavras)>. Acesso em: 09 jul. 2019
- KRAEMER, Graciele Marjana. **Identidade e cultura surda**, Cap. 7, p. 138-153, 2012. IN: LOPES, Maura Corcini (org.) e colaboradores. **Cultura surda e Libras**. Editora Unisinos, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo, EDITORA ATLAS S.A. – 2003
- LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. **Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos**. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: p. 175 - 195, maio/agosto 2010.
- LEITE, Josieli de Almeida Oliveira; BOTELHO, Laura Silveira. **Letramentos múltiplos: uma nova perspectiva sobre as práticas sociais de leitura e de escrita**. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery <http://re.granbery.edu.br> – ISSN 1998 0377 Cusco de Pedagogia – N. 10, JAN/JUN 2011.
- LIMA, Marisa Dias. **Adequação do ensino do português como L2 nas crianças surdas: um desafio a superar/enfrentar**. 2014. Disponível em: <<https://2014.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/416/744.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2019
- NANTES, Janete de Melo. **A Linguística e a língua brasileira de sinais I** – São Paulo: Know Now, 2010. p. 70-79.
- NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. **A pedagogia visual na educação dos surdos: das possibilidades à realização**. Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade. EdUECE - Livro 3, Universidade Estadual de Campinas, 2014. Disponível em: <<http://uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/73>>. Acesso em: 30 ago. 2019
- NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação-Otávio Cruz Neto**. Cap. III, p. 19-31. 2001. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, Fátima Inês Wolf de; CARDOSO, Luciana Santana. **Recursos didáticos adaptados para alunos com surdez: sugestões compartilhadas por uma bolsista pibid**. 2011. Disponível em:

<[http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/NOVAS\\_TECNOLOGIAS/283-2011.pdf](http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/NOVAS_TECNOLOGIAS/283-2011.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2019

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157. Editora UFPR.

QUADROS, Ronice Müller de. **Idéias para ensinar português para alunos surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília: MEC, SEESP, 2006. p. 40-44.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Colaboradores: PERES, José Augusto de Souza; WANDERLEY, José Carlos Vieira; CORREIA, Lindoya Martins; PERES, Maria de Holanda de Melo. 3 ed. revista e ampliada, São Paulo, Editora Atlas – 2012

SOARES, Magda Becker. **O que é letramento? / O que é letramento e alfabetização. In: Letramento: um tema em três gêneros / Magda Soares**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 15-60.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

ANEXO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO  
CAMPUS-III  
GUARABIRA-PB**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, da pesquisa que tem por título: “**LETRAMENTO VISUAL: UM OLHAR SOBRE AS NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DO PORTUGUÊS PARA OS SURDOS**” que tem como pesquisador responsável a aluna Marina de Oliveira Silva, do curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, que pode ser contatada pelo e-mail: ma97marina@outlook.com e pelo telefone: (83) 98217-0861. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar uma observação em sala de aula e um questionário acerca das práticas de leitura e escrita do português (na modalidade escrita) para os surdos, para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Minha participação consistirá por meio de formulário/questionário impresso para ser preenchido por mim. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista ou do formulário/questionário da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

---

Assinatura

Guarabira- PB, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**APÊNDICE**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CENTRO DE HUMANIDADES**

**Questionário aplicado ao aluno surdo**

Este questionário é um instrumento de coleta de dados de nossa pesquisa com objetivos puramente acadêmicos (Trabalho de Conclusão de Curso) da graduação de Letras Português da UEPB, Campus III. Sua participação é essencial para a presente pesquisa!

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Ano/nível: \_\_\_\_\_

1- Você gosta das aulas de língua portuguesa?

( ) SIM PARCIALMENTE    ( ) SIM TOTALMENTE    ( ) NÃO

2- Você compreende os conteúdos que são lhe ensinados nas aulas?

( ) SIM PARCIALMENTE    ( ) SIM TOTALMENTE    ( ) NÃO

3- Nas aulas de língua portuguesa, você acha mais difícil a leitura ou a escrita?  
Por que?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4- Em relação aos métodos usados pelo professor, cite o(s) método(s) que facilita(m) e o(s) que dificulta(m) sua aprendizagem.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**

**Questionário aplicado ao Professor**

Este questionário é um instrumento de coleta de dados de nossa pesquisa com objetivos puramente acadêmicos (Trabalho de Conclusão de Curso) da graduação de Letras Português da UEPB, Campus III. Sua participação é essencial para a presente pesquisa!

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Tempo (anos) de atuação com alunos surdos: \_\_\_\_\_

- 1- Quais métodos, no ensino da Língua Portuguesa, são utilizados para os alunos surdos? E quais são os benefícios obtidos em utilizá-los?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 2- No que diz respeito a prática docente voltada a leitura e escrita do aluno surdo, discorra como acontece esse processo. Quais os desafios encontrados?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 3- Relate experiências exitosas voltadas ao processo de leitura e escrita e ao aluno surdo.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_